



SANTA TERESINHA



SOMOS TODOS IRMÃOS



ESPERANÇA
UMA CONVICTA
CERTEZA

4

AMOR CRISTÃO
EM PRIMEIRO
LUGAR, O RESPEITO

7

SALESIANIDADE
DOM BOSCO E
A POLÍTICA

10

CIDADANIA
A DISCORDÂNCIA
FAZ A DEMOCRACIA

14



ANO DO LAICATO

por Jéssica Guimarães

Amar o próximo como a si mesmo, desde que ele pense como eu. É esta a lógica que muitos brasileiros, e conseqüentemente, muitos cristãos, estão seguindo. Em tempos de eleição, vence quem grita mais alto e bate mais forte. Mas é assim que deve ser? O católico, que busca a santidade nos seus atos cotidianos, encontra-se no meio desta guerra, e não fica horrorizado com o cenário, pelo contrário, age como um soldado em combate, armado e disposto a vencer, a qualquer custo.

Nós, católicos, que condenamos todas formas de violência, temos uma postura intolerante e agressiva, e nem percebemos isso. Queremos o fim da violência, igualdade, educação, honestidade, respeito à nossa religião, entre diversas outras demandas. Todavia, nos portamos de maneira contrária a tudo aquilo que pregamos.

Queremos o fim da violência, mas somos agressivos com qualquer um que seja diferente de nós, afinal, se é diferente, com certeza, está errado e deve sofrer por isso. Queremos igualdade, mas somos incapazes de termos empatia, observando que já temos muitos privilégios e que, de repente, poderíamos abrir mão de alguns em benefício do outro. Queremos educação, mas ignoramos todo o conhecimento que obtivemos durante a vida, trocando a partilha de ideias pelos gritos e xingamentos. Queremos honestidade, mas não vemos problemas em tirar pequenas vantagens (estacionar em local proibido, furar fila, sonegar imposto, ...). Queremos respeito à nossa religião, mas não respeitamos a religião do próximo, sem falar da vontade de aniquilar aquele que ousa não ter uma crença.

A época de eleição é sempre um período tenso, que vem piorando a cada ano, pois escancara, para todos, a nossa dificuldade em dialogar, em argumentar, em ceder. O período eleitoral, muitas vezes, surge então como uma festa à fantasia, em que podemos colocar a nossa máscara de intolerância e violência, chamando isso de democracia.

Abraçamos discursos sem conhecê-los integralmente. Destruímos relações de amizade e familiares, em nome de frases de efeito que, na maioria das vezes, nem sabemos o que significa.

Não observamos que, quando fazemos a escolha da palavra como uma arma, passamos também a ferir. Quando escolhemos agredir, mesmo que só verbalmente, damos o primeiro passo para uma sociedade cada vez mais distante de Deus, cada vez mais distante da paz. E, uma vez que atiramos o nosso ódio, e atingimos o outro, causamos um estrago irreversível.

É preciso lembrarmos que uma sociedade que se violenta, que se silencia, é uma sociedade que se aniquila e se enfraquece a cada dia. Devemos “combater o bom combate”, acreditar nas “flores vencendo o canhão”, ser a “flor que rompe o asfalto”. Necessitamos, urgentemente, lembrar que o católico carrega consigo a esperança. Esperança que se sustenta na fé. Fé que nos faz crer que somos irmãos e, se somos irmãos, devemos amar, verdadeiramente, o próximo e respeitá-lo, profundamente, por suas escolhas, e pela forma com que escolhe seguir sua vida.

A edição deste mês vem nos mostrar o que fica depois de uma guerra criada em período de eleição. Será que destruímos tudo ou ainda há como consertar?

Jéssica Guimarães é jornalista e coordenadora do grupo de jovens EntreTantos

Lugar de Encontro com Deus

por Ir. Paulo, OSB (Pedro Monteiro)



DESIGNED BY FREEPIK

Amigos, somos exortados a caminhar na fé, ninguém pode afirmar que está totalmente pronto (acabado) em relação a sua construção como pessoa humana. Precisamos caminhar constantemente em busca do Deus amoroso, através da pessoa de Seu Filho, apoiados pelo Espírito consolador. Pe. Ángel Fernández Artúme, SDB, nos afirma que Jesus é o verdadeiro protagonista desta união de corações, e que isto começa com a escuta a partir do outro, na situação em que o outro estiver.

A ESCUTA é sempre uma arte. “Precisamos exercitar-nos na arte de escutar, que é mais do que ouvir. Escutar, na comunicação com o outro, é a capacidade do coração que torna possível a proximidade, sem a qual não existe um verdadeiro encontro espiritual”. (ENCONTRO 2018. Cultivemos a Arte de escutar e acompanhar. Ed. Edebê, Brasília. p. 12).

Aqui está uma grande “dica” como cristãos autênticos de nosso tempo, escutar o outro é escutar a Deus. Ler a boa

nova de Cristo, seu Evangelho, é viver, caminhar, sentir o mistério de Deus em nossa vida cotidiana.

Papa Francisco nos fala: “caminhar para a santidade consiste no caminhar para aquela graça que vem ao encontro, caminhar para a esperança, estar em tensão rumo ao encontro com Jesus Cristo...” “a necessidade de rezar sempre, sem jamais esmorecer”. “Não se trata de rezar às vezes, quando ‘estou a fim’. Não, Jesus diz que é preciso ‘rezar sempre, sem cessar’. (disponível em: <https://www.acidigital.com/noticias/por-que-e-bom-orar-papa-francisco-faz-uma-advertencia-para-quem-nao-reza-20380>).

Desta forma, meus amigos, o encontro começa no coração puro e bom de todos nós, filhos amados de Deus, no sentimento de abrir-se para o outro, caminhar junto, SER e FAZER a diferença na relação com o outro.

Viva este mistério em vida. Louvado seja Deus para sempre!

Pedro Monteiro é irmão beneditino com o nome religioso de Ir. Paulo e membro do CPP de Santa Teresinha

EXPEDIENTE

Santa Teresinha Em Ação
Publicação da Paróquia Santa Teresinha - Arquidiocese de São Paulo - Região Episcopal Santana
Distribuição interna, sem fins lucrativos.

Paróquia: Praça Domingos Correia da Cruz, 140, Santa Teresinha - Cep.: 02405-060 - São Paulo - SP
Tel.: (11) 2979-8161

Site: www.paroquiasantateresinha.com.br

Diretor: Pe. Camilo Profiro da Silva, SDB

Jornalista responsável: Daya Lima - MTb 48.108
Egom PR Agency (11) 3666-7979

Capa: Montagem com fotos de tobkatrina e vencav (Depositphotos)

O jornal **Santa Teresinha Em Ação** reserva-se o direito de condensar/editar as matérias enviadas como colaboração. Os artigos assinados não refletem necessariamente a opinião do jornal, sendo de total responsabilidade de seus autores.



Arte e diagramação: Erika Campos

Pesquisa: PASCOM

Revisão: PASCOM

Fotos: PASCOM e Banco de Imagens

Impressão: Gráfica Atlântica - Tel. (11) 4615-4680

Tiragem: 3.000 exemplares

E-mail: pascom@paroquiasantateresinha.com.br

HORÁRIOS DAS MISSAS

Segundas-feiras, às 16h30 e 19h30
De terça a sexta, às 8h e 19h30
Aos sábados, às 8h, 14h30 e 16h
Aos domingos, às 7h30, 9h30, 11h, 18h e 19h30

ADORAÇÃO

Todas as quintas, 8h e 19h30 e, nas primeiras sextas do mês, às 7h30

HORÁRIO DA SECRETARIA

De segunda à sexta, das 8h às 12h e das 13h às 19h30
Aos sábados, das 8h ao 12h e das 13h às 18h
Tel. (11) 2979-8161 secretaria@paroquiasantateresinha.com.br

Os jovens na Igreja

por Dom Sergio de Deus Borges

Temos visto, pelos meios de comunicação, que está acontecendo em Roma a XV Assembleia Ordinária do Sínodo dos Bispos. O Sínodo dos Bispos é uma assembleia de bispos os quais, escolhidos das diversas regiões do mundo, se reúnem em tempos determinados para favorecer a estreita união entre o Romano Pontífice e os mesmos bispos, para prestar ajuda com seu conselho ao Pontífice Romano na salvaguarda e incremento da fé e dos costumes, na observância e na consolidação da disciplina eclesiástica e também para estudar os problemas relativos à atividade da Igreja no mundo (can. 342). O objetivo central desta Assembleia é a evangelização da juventude, com o tema “jovens, a fé e o discernimento voca-

cional”. Duas atitudes guiam esta importante assembleia sinodal, segundo a indicação do próprio Papa Francisco, escutar e compreender as necessidades, anseios e esperanças das juventudes de hoje.

O Sínodo acontece dentro do processo de conversão e renovação das estruturas eclesiais, a que todos somos chamados a participar e contribuir. Na Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium*, o Papa Francisco chamou a atenção para a necessidade de renovar as estruturas eclesiais que estão a serviço dos jovens: “A pastoral juvenil, tal como estamos habituados a desenvolvê-la, sofreu o impacto das mudanças sociais. Nas estruturas ordinárias, os jovens habitualmente não encontram respostas para as suas preocupações,

necessidades, problemas e feridas. A nós, adultos, custamos a ouvi-los com paciência, compreender as suas preocupações ou as suas reivindicações, e aprender a falar-lhes na linguagem que eles entendem” (*Evangelii Gaudium*, 105).

Todo o trabalho sinodal, desde a carta de convocação do Papa Francisco, até a realização da Assembleia sinodal, é um convite a olhar para os jovens a partir da perspectiva de Jesus. Nosso Senhor aproximou-se e caminhou com os discípulos de Emaús (cf. Lc 24, 13-35), compreendeu sua dor diante de expectativas, que à primeira vista parecia que não se tinham concretizado, os alentou com a Palavra no triste retorno, aceitou sua hospitalidade e lhes abriu os olhos com Pão partilhado; também ou-

viu com atenção o jovem que d’Ele se aproximou e trazia no coração uma pergunta fundamental sobre o sentido da vida: ‘bom Mestre, que devo fazer para ganhar a vida eterna?’ (Mc 10,17-30). Jesus gastou tempo com este jovem, o ouviu e respondeu à sua inquietante preocupação, olhou para ele com amor e o convidou a segui-lo.

Seguindo os passos de Jesus, o caminho sinodal já traçado nos mostra que “Cuidar dos jovens não é uma tarefa facultativa da Igreja, mas é parte fundamental de sua vocação e missão na história (Cf. *Instrumentum Laboris*, 1). A Igreja precisa cuidar da fé dos jovens para que eles sejam «caminheiros da fé», felizes por terem encontrado Jesus Cristo e por levarem o bom Senhor a

cada esquina, a cada praça, a cada canto da terra! (Cf. *Evangelii Gaudium*, 106).

Por fim, para fazer frente a desorientação que a cultura do improvisado está impondo, sobretudo aos jovens, a Igreja precisa constituir novos organismos capazes de acompanhar todos os jovens, sem exceções, num processo de discernimento em direção à alegria do amor. O discernimento desperta e aumenta a esperança, porque abre aos jovens o futuro, de modo que não fiquem enclausurados no presente, mas entrem conscientemente na grande aventura em busca de plenitude de vida.

Dom Sergio de Deus Borges é Bispo Auxiliar de São Paulo e Vigário Episcopal para a Região Sant’Ana

PALAVRA DO PÁROCO

Abnegação e humildade para crescer no amor

por Pe. Camilo P. da Silva, SDB

Teresinha escreve para sua prima: “A grande paz que experimentais é para mim um claro sinal da vontade do Bom Deus, pois somente Ele a pode derramar em vossa alma, e a felicidade que sentis sob seu divino olhar não pode vir senão Dele. Querida Celininha, não posso manifestar-vos meu afeto como faria se ainda estivesse no mundo. No

entanto, nem por isso é menos vivo. Pelo contrário, sinto que na solidão vos serei mais útil do que se tivesse a consolação de estar junto de vós. As grades do Carmelo não são feitas para separar os corações que não se amam senão em Jesus, mas antes servem para tornar mais fortes os laços que os unem”.

Realmente, o Carmelo é uma escola de amor, que en-

volve, porém, a capacidade de abnegação. “Pintei este divino Menino de maneira a mostrar o que Ele é para mim.... De fato, quase sempre está dormindo... O Jesus da pobre Teresa não a acaricia como acariciava sua Santa Madre. É muito natural, pois a filha é tão indigna de tal Mãe! Contudo, os olhinhos fechados de Jesus falam muito à minha alma e, já que não

me acaricia, procuro, de minha parte, dar-lhe prazer. Bem sei que seu coração vigia sempre e que na Pátria dos Céus haverá de se dignar a abrir seus olhos divinos...”

Abnegação e humildade, chaves para crescer no amor: “Os Apóstolos, sem Nosso Senhor, trabalharam a noite inteira e não apanharam peixe, mas seu trabalho foi agradável a Jesus. Queria provar-lhes que só Ele pode nos dar alguma coisa, queria que os Apóstolos se humilhassem... Disse-lhes: ‘Amigos, tendes alguma coisa para comer?’ E São Pedro respondeu: ‘Senhor, trabalhamos

a noite inteira e não pescamos nada’. Talvez, se tivesse apanhado alguns peixinhos, Jesus não teria feito o milagre, mas ele não tinha nada... Assim, Jesus encheu depressa sua rede de tal maneira a quase rompê-la. Eis aí o caráter de Jesus. Dá como Deus, mas quer a humildade de coração”.

Lições preciosas. Acolhê-las e praticá-las, eis a nossa tarefa.

Um abraço carinhoso a todos.

Pe. Camilo P. da Silva é salesiano e pároco de Santa Teresinha desde 2012

Os Apóstolos, sem Nosso Senhor, trabalharam a noite inteira e não apanharam peixe, mas seu trabalho foi agradável a Jesus

A esperança não engana!

por Pe. Edson Donizetti Castilho

Com certa frequência, a compreensão que temos de “esperança” não responde devidamente àquilo que devemos entender como “esperança cristã”. “Ter esperança”, em alguns momentos, é acolhido como sinônimo de “ser otimista”, “carregar uma boa expectativa”, “sentir-se animado por um sonho”, “pensar positivo” ou coisa semelhante. Recentemente, o Papa Francisco recordou que “a esperança é um dom, é um presente do Espírito Santo”. E ainda: “Para um cristão, a esperança é Jesus Cristo em pessoa”. Por isso, pode-se afirmar, na fé, que a esperança cristã jamais decepciona, como afirma Paulo: “a esperança não engana. Porque o amor de Deus foi derramado em nossos corações pelo Espírito Santo que nos foi dado.” (Rm 5,5).

É oportuno recordar também o que afirmou ainda o Papa Francisco, na preparação para a Solenidade de Pentecostes de 2017: “Não podemos não falar sobre a relação que existe entre a esperança cristã e o Espírito Santo. O Espírito é o vento que nos impulsiona para a frente, que nos mantém em caminho, nos faz sentir peregrinos e estrangeiros, e não nos permite parar e nos tornar um povo “sedentário”. Assim, a esperança é uma virtude que alcança o coração humano como um dom, um fruto fecundo, que nasce da força do Espírito e acompanha a humanidade em suas lutas, fadigas e adversidades. É fortalecida pelo empenho humano, mas é suscitada pelo próprio Deus. Engana-se profundamente quem



pensa ou crê que a esperança cristã nada mais é do que um caminho de “fuga do mundo”; imerso em tantas contradições e distorções, com incontáveis e concretas expressões de injustiça e desamor, o cristão se lança na direção de um desconhecido em um exercício metafórico de quem pretende/necessita se distanciar dos confusos e difíceis emaranhados da história e dos contextos nos quais vive. Joga-se ele, assim, no contexto de uma “esperança” que mais se aproxima da fuga, da insegurança, da omissão, do medo que brota de uma fé imatura.

O cristão é orientado pela seguinte convicção, conforme ensina a Sagrada Escritura: “A fé é o fundamento da esperança, é uma certeza a respeito do que não se vê” (Heb 11,1). Mas isso nada tem de irracional ou ilógico. É a consequência natural para aqueles que, pela

fé, sentem-se amparado pela certeza de que foram criados pelo amor de Deus e, por isso, reconhecem com humilde confiança: “nossa esperança está no Senhor; ele é nosso auxílio e a nossa proteção” (Sl 33,20). É nesta confiança que, mesmo marcado por verdadeiros abismos de contradição, o cristão caminha na certeza de que Deus conduz as tramas humanas e assim reza: “Por que estás assim tão abatida, ó minha alma? Por que te angustias dentro de mim? Deposita toda a tua esperança em Deus... Ele é o meu Salvador!” (Sl 42,5).

Estamos afirmando, portanto, uma virtude que não se refere a qualquer tipo de espera! Trata-se de uma espera em Cristo! E isso muda muito a vida daquele que vive nesta esperança! Muda tudo, podemos afirmar! Trata-se, neste caso, de uma espera que é já certeza

de fé! Uma espera que ultrapassa os limites da racionalidade instrumental humana, para se apoiar na promessa feita por Jesus Cristo, sendo alimentada pela força do Espírito do Ressuscitado: “O Deus da esperança vos encha de toda a alegria e de toda a paz na vossa fé, para que pela virtude do Espírito Santo transbordeis de esperança!” (Rm 15,13). Exatamente por isso que, mesmo nas situações que se apresentam como tramas tão complicadas e onde crescem as situações de iniquidade e pecado, o cristão sente ainda mais robustecida sua fé! E ainda que isso possa soar um paradoxo, louva e bendiz o Deus em quem acredita: “Bendito seja Deus, o Pai de nosso Senhor Jesus Cristo! Na sua grande misericórdia ele nos fez renascer pela ressurreição de Jesus Cristo dentre os mortos, para uma viva esperança, para uma herança incorruptível, incontaminável e imarcescível, reservada para vós nos céus; para vós que sois guardados pelo poder de Deus, por causa da vossa fé, para a salvação que está pronta para se

manifestar nos últimos tempos” (1 Ped 1, 3-5).

Temos assim que, em sentido largo e popular, podemos até descansar nossa esperança em muitas realidades da vida: emprego, salário, contas bancárias, estudos e títulos acadêmicos, relacionamentos e pessoas, plano de saúde, inteligência pessoal; mas tudo isso está sempre marcado pelas contingências humanas (tempo, espaço, situações políticas e econômicas, entre outras). O fundamento da esperança cristã está fora de nós! É uma virtude/fruto da ação do Espírito Santo, emana do coração do próprio Deus, é “esperança contra toda a esperança”, envolve o núcleo vital de toda pessoa, estabelece outros “olhos” para ler o mundo, porque alicerçada na fé em Cristo Jesus. E Ele é o mesmo ontem, hoje e sempre! E é Ele o “Alfa e o Ômega, o princípio e o fim”, aquele que “faz novas todas as coisas” (Apoc 21,5).

Pe. Edson D. Castilho é Reitor do Santuário Dom Bosco, em Lorena

“Por que estás assim tão abatida, ó minha alma? Por que te angustias dentro de mim? Deposita toda a tua esperança em Deus... Ele é o meu Salvador!” (Sl 42,5)

Interioridade apostólica

por Pe. Alexandro Santana, sdb

O jovem que chega a uma casa salesiana, quase sempre, vem atraído pela maneira festiva e alegre que encontra ao ver outros jovens manifestarem sua espontaneidade, e vivendo com alegria sua vida. Em um primeiro momento isso parece bastar-lhe para que permaneça e se engaje junto aos outros jovens como ele. Mas ocorre que, depois de um tempo, a festa e o barulho já não o satisfaz mais, toda aquela agitação não

é suficiente para preencher o vazio de seu coração e assim vai esfriando o seu ânimo. Tudo agora para ele parece ser passageiro, pois, encontra as vezes no meio salesiano aquilo que também encontra fora de um ambiente salesiano.

É certo que vivemos um tempo que aprecia o efêmero, que dá importância às modas ideológicas, que admira o eficientismo, que se deixa encantar pelas maravilhas da técnica. O multiforme devir cotidiano

ocupa continuamente a mente, deixando pouco espaço à reflexão de fé. Observando as coisas e os acontecimentos (também com a seriedade da observação científica) não se considera como verdadeiro elemento da realidade a presença do Espírito Santo na história, nem os efeitos concretos da sua iniciativa e do ser poder.

Pensa-se e vive-se prescindindo da ação divina na história humana. Entretanto, depois do nascimento de Cristo, depois

da sua Páscoa e de Pentecostes, é uma atitude superficial considerar o homem apenas com uma ótica horizontal. Pentecostes trouxe, pela ação de Cristo, uma realidade de presença e de iniciativas divinas, que passam a fazer parte, inseparavelmente, da mesma densidade da vida da humanidade.

Nós, discípulos do Senhor Jesus, e como filhos de Dom Bosco, devemos apresentar-lhes algo a mais que apenas festa e barulho, ou uma alegria que brota apenas do momento presente, somos testemunhas desta dimensão superior, percebida diretamente pela fé. Devemos ser para os outros “sinais e portadores” da presença real e

do poder do Espírito do Senhor na vida. Para isso, é necessário que nos exercitemos cotidianamente a olhar em profundidade. Qualquer vida consagrada é vivificada por uma penetrante dimensão contemplativa, de tipo diverso, segundo a modalidade própria da vocação recebida.

Assim, poderemos fazer a cada jovem que vem até nós este convite: “Vinde e vede”, para que encontre uma alegria que brota do encontro com o Senhor da vida e experimente uma “água viva”, que jorra para a vida eterna!

*Pe. Alexandro Santana, SDB
é pároco da Paróquia Nossa Senhora Aparecida em Itaquera*

Devemos apresentar-lhes algo a mais que apenas festa e barulho, ou uma alegria que brota apenas do momento presente, somos testemunhas desta dimensão superior

DEUS NESTA CIDADE

Um chamado a iniciarmos juntos na Fé

por Padre Andres Gustavo Marengo

A segunda urgência do Plano de Pastoral da nossa Arquidiocese tem se transformado na nossa região episcopal em prioridade e opção fundamental e diante das assembleias paroquiais que estão acontecendo e em preparação para a etapa regional do sínodo a Iniciação à Vida Cristã já é o eixo a partir do qual queremos viver um processo de crescimento na fé de forma gradual e permanente, acontecendo numa comunidade eclesial.

A Iniciação à Vida Cristã visa transformar a fé inicial em uma fé progressivamente adulta, cada vez mais convicta e comprometida. No processo vai se fortalecendo o encon-

tro pessoal com Jesus e com o Evangelho de maneira mais intensa através de uma experiência fascinante (DAp 277), que leve a uma adesão, comunhão e intimidade plena com Ele, caminho, verdade e vida (Jo 14, 6).

A Iniciação à Vida Cristã tem como inspiração o catecumenato, que não se limita à celebração dos sacramentos, mas é um progressivo mergulhar no mistério, dando valor a tempos, etapas com suas celebrações, símbolos, ritos, bênçãos... Trata-se de um caminho a percorrer em fases:

ACOLHIDA

Pais, catequizandos, catequistas, comunidade (Pré-Catecumenato).

1º TEMPO - QUERIGMA

Anúncio de Jesus Cristo (Pré-Catecumenato).

2º TEMPO - CATEQUESE

Aprofundamento da fé (Catecumenato).

3º TEMPO - CELEBRAÇÃO

Celebrações de entrega no decorrer do processo (Quaresma) e, no período Pascal, a celebração dos sacramentos (iluminação e purificação).

4º TEMPO - MISTAGOGIA

Aprofundamento dos Mistérios recebidos.

ACOMPANHAMENTO

Vivamos com alegria o fato de



estarmos caminhando juntos na busca de fazer acontecer o Reino de Deus no meio de nossas comunidades. Toda a comunidade paroquial está convidada a ser casa de iniciação à vida cristã.

*Pe. Andrés Gustavo Marengo
é pároco na Natividade do Senhor e Coordenador Regional de Pastoral na RESA*

Processo de conversão

por Ir. Cleonice A. Lourenço

A cultura da não violência ecoa na sociedade como produto final, mas emerge da base, ou seja, dos homens e das mulheres que vivem a violência. Ao retornar à comunidade, outras características como a da paz, do diálogo e da cooperação podem ser observadas. Neste processo, o desejo individual e coletivo da superação da violência torna-se condição para conversão. Nela, somos impulsionados aos ciclos de ações continuadas pela cultura da paz.

É no processo de conversão social que somos impulsionados a agir, em benefício da

humanidade. Sem ela, nossas ações se voltam à perspectiva ou garantia do eu, em que “vale tudo”, inclusive a aniquilação do outro. Hoje somos desafiados a agir nas realidades rurais e urbanas, onde a convivência humana está sendo prejudicada pela violência.

Nesta perspectiva e realidade, fazem-se necessárias políticas públicas e compreensão pessoal e social sobre as intolerâncias ou propostas ineficazes de tratamento aos dependentes químicos, com sua inércia diante de uma das maiores movimentações financeiras

ocasionada pelo tráfico de drogas, aponta para os sintomas da drogadição, legitimando o usuário como responsável pelos altos índices da criminalidade em nosso país. Com isso, a culpabilidade recai a ele, o que facilita a ausência da compreensão da saúde pública em relação ao dependente químico.

Com o julgamento antecipado de culpa ao dependente químico, ele deixa de ser reconhecido como um agente de direito, direcionando nosso ódio ao usuário de drogas, desviando o olhar para a “indústria” do tráfico, que, inclusive, têm financiado e elegi-

do seus representantes para atuar na política brasileira.

O sentimento de posse e o estímulo ao ódio e à vingança só tem aumentado, o que facilita a violência generalizada e institucionalizada que passou a ser um “mecanismo de comunicação social”. Ao fazer interface entre o Estado e a família, ela interfere no relacionamento familiar. Assim, a família não mais consegue cumprir sozinha seu papel, pois os valores humanos como: amor, ética, integridade, honestidade, generosidade, respeito, entre outros, estão desintegrando a sociedade.

Considerando que o poder midiático influencia na formação de opinião e no comportamento das pessoas, precisamos estimular a cultura da tolerância,

do respeito e da paz em nossa prática cotidiana e nas redes sociais. Por esta razão, ao fazer uso das redes sociais com postagem e mensagens que contribuem para o crescimento das pessoas e da sociedade, bem como não alimentar ou reencaminhar vídeos ou mensagens que estimulem o ódio, estaremos diminuindo a violência midiática. Também é importante observar as inúmeras formas de violência às quais a pessoa humana é exposta nos telejornais e telenovelas, interferindo na superação da violência em nossa sociedade.

Ir. Cleonice A. Lourenço, FMA é coordenadora de Pastoral do Inst. S. José em S. José dos Campos

O sentimento de posse e o estímulo ao ódio e à vingança só tem aumentado, o que facilita a violência generalizada mecanismo de comunicação social

SOMOS TODOS IRMÃOS

São Paulo na luta contra o feminicídio

Homicídio contra mulheres quase dobrou em relação a 2017; abril foi o mês em que houve o maior número de ocorrências

O feminicídio vem crescendo em níveis considerados alarmantes no país. Só na Capital paulista, o número de casos de homicídio contra mulheres quase dobrou entre janeiro a agosto deste ano, em relação ao mesmo período de 2017.

De acordo com dados apurados pela Secretaria de Segurança Pública (SSP), neste ano, houve 21 casos na cidade de São Paulo, contra 11 registrados no mesmo

intervalo em 2017. No estado, o índice subiu de 63 para 79.

Segundo a SSP, abril foi o mês com maior incidência do problema, tanto na Capital, quanto no Estado: 15 e 26 mulheres mortas, respectivamente.

De acordo com Marta Machado, professora de direito da Fundação Getúlio Vargas (FGV) e coordenadora dos Núcleos de Estudos Sobre o Crime e a Pena de Gênero, as estatísticas podem refletir na mudança da categorização do crime. “O

aumento no número de casos pode significar também a diferença na forma como os policiais registram a ocorrência”, afirma Marta.

O feminicídio, ou homicídio de mulheres, ocorre quando uma mulher é morta por razões ligadas ao fato de ser do sexo feminino. Na maioria das vezes, o crime também envolve discriminação à condição de mulher e violência doméstica ou familiar. Após ser considerado uma categoria do homicídio, na lei



13.104/2015, o crime passou a ser hediondo com pena de 12 a 30 anos de prisão.

Os conflitos interpessoais de casais ainda são os principais motivadores da violência contra a mulher, segundo a pesquisa. “Infelizmente, na maioria das vezes, ciúmes possessivos, termos de relacionamentos terminam neste triste fim”, finaliza a professora.

Feminicídio quase dobrou em 2017; maior causa de violência contra mulher ainda é a doméstica

O que realmente importa?

por Rose Meire de Oliveira

“Como são admiráveis as pessoas que nós não conhecemos bem” (Millôr Fernandes)

Relacionamentos familiares, convívio social, ter amigos, são sempre muito importantes para nossas vidas, conviver em harmonia é a idealização de grupos humanos, porém, ninguém está imune aos conflitos ocasionais, o que é bastante natural, já que cada pessoa possui características singulares.

Porém, ultimamente, uma “modalidade” de conflito tem invadido os lares, os grupos de amizades e família nas redes sociais, os ambientes de trabalho,

os círculos de amigos, o bom e velho almoço de domingo... As discussões acirradas motivadas por Política!

Amizades de infância parecem se desfazer, famílias em crise! A ceia de natal parece estar ameaçada!

Certa histeria coletiva parece ser a nova epidemia do momento... O ambiente virtual, como não tem o “cara a cara”, nos torna mais insubordinados, trazendo a falsa ideia de liberdade de ação, assim uma atitude mais rude, mais agressiva, fica teoricamente mais fácil, sem polimento social, as máscaras caem.

Amizades desfeitas, e os grupos de família que antes tro-

cavam gifs fofos, hoje trocam propaganda política, o “bom dia grupo” deu lugar a infinitas discussões políticas, e ninguém ouve ninguém, porque todos estão apropriados de suas pequenas verdades...

Segundo o Safernet (Segurança digital) que recebe notificações sobre crimes virtuais, o número de denúncias sobre discursos de ódio on-line mais que triplicou nos dias próximos da votação/2018. Um clima de intolerância e hostilidade parecer se instalado, velhos ressentimentos vieram à tona, e a política, hoje, talvez sirva de fachada para conflitos abissais preexistentes nas relações.

E a pergunta é: o que realmente importa? O que realmente vale a pena? Se, em algum momento de sua vida, houve algum laço de amizade entre vocês, não seria uma atitude mais razoável tentar abrir alguma linha de diálogo?

Esquivar-se temporariamente nas redes sociais pode ser até possível, mas teremos que conviver com familiares, com nossos vizinhos, colegas de trabalho, amigos, pessoas como nós, com diferentes correntes ideológicas e orientações religiosas, que podem nos ajudar a enxergar a realidade sob diversos prismas, repensar constantemente certezas, exercitar a empa-

tia, pois qual o sentido da vida, senão tentar, a cada dia, aprendermos a respeitar o próximo, e a sermos pessoas melhores para nós e para o outro?

Será que o tal mundo melhor é a “minha bolha”?

Não!

Um mundo melhor é aquele onde eu não faço ao meu próximo o que eu não quero que seja feito comigo.

” Assim, em tudo, façam aos outros o que vocês querem que eles lhes façam; pois esta é a Lei e os Profetas” (Mateus 7:12).

Rose Meire de Oliveira é psicóloga e membro da Pastoral Familiar de Santa Teresinha

E A FAMÍLIA, COMO VAI?

Avós: transmitindo a fé

por Luiz Fernando e Ana Filomena Garcia

Muitas vezes são os avós que asseguram a transmissão dos grandes valores aos seus netos, e «muitas pessoas podem constatar que devem a sua iniciação na vida cristã precisamente aos avós». (Amoris Laetitia, 192)

Dois fatos acentuam o papel, cada vez mais importante, dos avós na transmissão da fé. Primeiro, as pessoas estão vivendo mais, fazendo com que o relacionamento intergeracional prolongue-se por mais tempo, e as crianças e jovens podem aproveitar mais e melhor a sabedoria dos seus avós. Segundo, as exigências da vida moderna sobre os pais faz com que muitos deixem seus filhos com os avós,

enquanto se dedicam ao trabalho. São, assim, os avós importantes evangelizadores em sua família, muitas vezes os únicos a levar Cristo para seus netos.

No Encontro Mundial das Famílias, conhecemos Sarah e Declan O'Brien, que deram o seguinte depoimento no painel sobre Entrega da Fé entre as Gerações: O Papel dos Avós, no Encontro Mundial das Famílias:

“Os pais de nossos quatro netos optaram por não educar seus filhos na fé. Respeitamos a decisão deles, mas tentamos descobrir novas maneiras de fazer isso, com criatividade, diversão e amor.” O casal irlandês indicou três maneiras de fazer isso. “Uma é passar tempo com nossos netos. Nossos quatro netos vivem no exterior, e o tempo que passamos com eles é ainda mais importante. Quando



Declan, Sarah e dois de seus netos

estamos todos juntos, sempre afirmamos que eles são amados e nos sentimos amados por eles. O mandamento de Jesus é amem-se uns aos outros como

eu os amei. Assim, tentamos amar nossos netos com paciência, ternura, bondade, misericórdia e perdão. Outro modo de transmitir nossa fé é comparti-

lhando coisas importantes com nossos netos. Precisamos ter a coragem de entender o que realmente conta para eles. E eles falarão conosco se nos dispusermos a escutá-los.” Finalmente, a terceira via, indicada por Declan, é a oração. “Não estamos em posição de orar com nossos netos, mas podemos, é claro, orar por eles. Com eles, experimentamos o silêncio na igreja. Eles sabem que vamos à missa e ocasionalmente pedem para vir à missa conosco.” E conclui Sarah: “Em certo sentido, somos a única Bíblia que nossos netos podem ler.”

Luiz Fernando e Ana Filomena Garcia são Coordenadores da Pastoral Familiar da Arquidiocese de São Paulo e membros do CPP de Santa Teresinha

“Semear a paz ao nosso redor: isto é santidade”

Esta frase é do papa Francisco e está na sua exortação apostólica *Gaudete Et Exsultat*, lançada em abril deste ano; Francisco nos chama para ser santo e, sobretudo, ter amor em tudo que se faz. Cabe a nós tentarmos ser santos e amorosos em tempos nos quais a opinião do outro, se não for igual a nossa, de nada vale

Agora é tempo de paz. Pelo menos é com este olhar e, principalmente, atitude que se deve seguir a partir de agora.

Faz parte sim, do jogo democrático, exaltar os ânimos e declarar amor, ou ódio, a determinado candidato. A democracia permite este tipo de comportamento, o acha, inclusive sadio, desde que não haja ofensa ou juízo de valor. Infelizmente, não foi o que se viu nos últimos meses no país, que passou por um diferente e, por que não dizer, estranho processo eleitoral.

Agora, com as questões definidas, é tempo de retomar a gentileza, se é que foi perdida, e fazer um balanço de até onde foi o nosso respeito para com o outro. Especialistas da área da psicologia dizem que, na questão moral, se colocar no lugar do outro é essencial para estabelecer limites. Será que passamos do limite moral e ético, com nossos amigos e familiares, durante o processo eleitoral?

Não foi raro ler, nas redes sociais, pessoas falando sobre como a discussão política o tinha separado de algum amigo ou parente. Muitas outras disseram que, pelo menos, saber a opção eleitoral do outro dizia, para ela, quem ele era. Será mesmo? O problema é que, ao ignorar opiniões contrárias, as pessoas tendem a aderir cega-



mente a uma posição, doutrina ou sistema e a caminhar em uma direção perigosa: a do fanatismo.

No século 19, o pensador francês, Gustave le Bon, já falava sobre o comportamento

Será que passamos do limite moral e ético, com nossos amigos e familiares, durante o processo eleitoral?

“A caridade perfeita consiste em suportar os defeitos dos outros, em não se escandalizar com suas fraquezas”. Santa Teresa de Lisieux

bizarro das pessoas ao se unirem em grupos, formando uma espécie de mentalidade única irracional. “Nas grandes multidões, acumula-se a estupidez, em vez da inteligência. Na mentalidade coletiva, as aptidões intelectuais dos indivíduos e, consequentemente, suas personalidades se enfraquecem”. Ou seja, ao se unirem, segundo le Bon, as pessoas deixam de usar a razão e passam a deixar a emoção tomar conta.

Para Jaime Pinsky, autor do livro *Faces do fanatismo* (editora Contexto), o perigo das devoções extremas é a convicção inabalável, ou seja, a certeza da verdade do fanático não vem de uma reflexão. Era o que o polêmico escritor brasileiro, Nelson Rodrigues, chamava de “unanimidade burra”.

SOBRE INTOLERÂNCIA

Também é uma palavra que está na moda, infelizmente. Para quem ainda não identifica, um ser intolerante é aquele que não reconhece, tampouco respeita, a opinião do outro, seja ele no

âmbito da religião, sexualidade, preferência política, raça, etc.

De uns tempos para cá, a palavra ficou ainda mais em evidência por conta da religião. Alguns grupos, dizendo ser de igrejas neopentecostais, e “a serviço de Deus”, destruíam (e ainda destroem!) templos de religiões de matriz africana, como a umbanda e o candomblé. Outros, também em nome do fanatismo religioso, e há alguns anos, também quebraram santas católicas, dizendo ser “obras do demônio”.

Mas não é só no cenário religioso que a intolerância é marcante. No campo político também. Se formos pegar como exemplo dias atrás, será que fomos intolerantes em relação a opinião do outro, no que diz respeito a escolha política? Será que respeitamos, ou respeito, a escolha política do meu amigo? É tempo de reflexão e, claro, atitude de cristão.

SEGUINDO COM AMOR E SANTIDADE

O que todo mundo sabe, e tem sim certeza, é que precisa

seguir com amor. Respeitar, com amor. Entender, sempre sob a ótica do amor. Aceitar, com santidade e amor. E papa Francisco, mestre em mostrar como o amor faz a diferença, fala muito bem sobre isto, em sua exortação apostólica, *Gaudete Et Exsultate*.

Em um dos trechos, Francisco fala de como não é fácil viver em plena paz, sempre e com todos. Mas devemos buscar isto. “Não é fácil construir esta paz evangélica que não exclui ninguém; antes, íntegra mesmo aqueles que são um pouco estranhos, as pessoas difíceis e complicadas, os que reclamam atenção, aqueles que são diferentes, aqueles que são muito fustigados pela vida, aqueles que cultivam outros interesses. É difícil, requerendo uma grande abertura da mente e do coração”.

Entretanto, para o papa, é um exercício procurar ser diferente. Segundo ele, em um mundo onde as pessoas estão cada vez mais individualistas, cheias de julgamentos, ainda é possível ser manso. “Neste mundo que, desde o início, é



um lugar de inimizade, onde se litiga por todos os lados, onde há ódio por toda a parte, onde constantemente classificamos os outros por suas ideias, costumes, e até jeito de vestir, parece impossível, mas Jesus propõe a mansidão. Disse Ele: “sedes discípulos meus que sou manso e humilde de coração (Mt. 11,29). Se vivemos tensos, arrogantes diante dos outros, acabamos exaustos, mas se olhamos os seus limites e defeitos com ternura e mansidão, podemos lhe dar uma mão e acabamos com momentos inúteis de gasto de energia e lamentações”.

O papa também cita Santa Teresa de Lisieux, em sua exortação: “a caridade perfeita consiste em suportar os defeitos dos outros, em não se escandalizar com suas fraquezas”.

Para andar em santidade, não aquela santidade dos Santos que conhecemos, inalcançável, mas aquela que podemos

exercer no dia a dia, Francisco também diz que é possível e que “gosta de ver a santidade do povo paciente de Deus”.

“Para ser santo, não é preciso ser bispo, sacerdote, religiosa ou religioso. Muitas vezes estamos tentados a achar que a santidade esteja reservada apenas àqueles que têm a oportunidade de se afastar das ocupações comuns, para dedicar muito tempo à oração. Não é assim. Todos somos chamados a ser santos, vivendo com amor e oferecendo o próprio testemunho nas ocupações de cada dia, onde cada um se encontra. Estás casado? Sê santo amando e cuidando do teu marido ou tua esposa. És um trabalhador? Sê santo cumprindo com honestidade e competência o teu trabalho ao serviço dos irmãos. Estás investido em autoridade? Sê santo, lutando pelo bem comum, renunciando aos teus interesses pessoais”.

Será que fomos intolerantes com nossos amigos nas redes sociais por causa de escolha política? Será que respeitamos, ou respeito, a escolha política do meu amigo?



Dom Bosco e a Política

por SC Evanio Santinon

Vamos refletir sobre a política com alguns ensinamentos do nosso Pai e Mestre: Dom Bosco

A pedagogia de Dom Bosco se fundamenta em educar o jovem para ser bom cristão e honesto cidadão. O ser “cidadão” traz consigo uma necessidade e responsabilidade em interessar-se e participar da dinâmica política. Nestes tempos é necessário lembrar que a tarefa essencial da ação política é descobrir a dignidade de cada pessoa humana e que, portanto, a ação política deve estar ordenada para o bem comum, ou seja, o progresso humano.

São João Paulo II, na exor-

tação apostólica “Christifideles laici”, no número 42, traz uma importante reflexão: “Estilo e meio de realizar uma política que tenha em vista o verdadeiro caminho do progresso humano é a solidariedade. A solidariedade pede a participação ativa e responsável de todos na vida política, desde o cidadão, individualmente, até os vários grupos. Todos e cada um somos ao mesmo tempo destinatários e protagonistas da política.”

E o documento continua: “a solidariedade não é um sentimento de vaga compaixão ou de enternecimento superficial pelos males sofridos por tantas pessoas, próximas ou distantes. Pelo contrário, é a determina-

ção firme e perseverante de se empenhar pelo bem comum; ou seja, pelo bem de todos e de cada um, porque todos nós somos verdadeiramente responsáveis por todos”. A posição de Dom Bosco na política foi de realizar um trabalho de solidariedade, através da atenção e cuidado da juventude.

Dom Bosco assim definiu o rumo de sua ação política: “fazer o pouco de bem que puder aos meninos abandonados, empregando todas as minhas forças a fim de que se tornem bons cristãos, em face da religião, e honestos cidadãos, na sociedade civil.

O sonho de Dom Bosco se estendia para todos os jovens, para isso, mobilizava diversas



forças, dentro da Igreja, do papa até o fiel mais simples, também convidava homens e mulheres de boa vontade, crentes e não crentes, que se preocupavam com o presente da geração que crescia e do futuro da sociedade. Deu à sua congregação um tom “laico” que a tornou simpática mesmo a quem se opunha à Igreja e à religião. Dom Bosco

continua a influenciar politicamente a sociedade atual, e convida você, homem e mulher de boa vontade, a fazer parte deste vasto movimento que trabalha pela salvação da juventude.

Evanio Santinon é Salesiano Cooperador e atualmente exerce a Coordenação do Conselho Provincial de São Paulo

MISSÃO E MISERICÓRDIA

Uma inspiração para nós cristãos

por Roberto Viola

Conforme dados do IBGE, a linha de pobreza no Brasil, em 2017, atingiu 50 milhões de brasileiros que tinham renda familiar equivalente a R\$387,00 (valor adotado pelo Banco Mundial). Isso significa que 25,4% de nossa população vive miseravelmente. O fator desemprego e a queda constante de nossa atividade econômica foram determinantes para atingir este quadro deprimente. Um cenário caótico e desafiador para nossos governantes e para nós cristãos.

Esta realidade na época de São Vicente de Paulo, por volta de 1600, era pior ainda, pois não havia emprego, nem benefícios sociais, nem leis protetoras e as doenças imperavam em um país dominado por guerras.

Vicente de Paulo foi uma

figura extraordinária para a humanidade. Nasceu em 1581, na França, em uma família pobre e religiosa. Na infância, foi guardador de porcos, não impedindo de ter uma brilhante ascensão na corte francesa. Formou-se padre aos 19 anos. Foi respeitado e admirado por cardeais, rei e rainha de sua época. Mas, o que mais lhe chamava a atenção, e tinha toda sua dedicação, eram os pobres, os abandonados. Por suas ações concretas, Vicente foi nomeado ministro da Caridade e fundou quatro instituições voltadas à caridade e assistência aos pobres. Entendia que o pobre é a imagem de Cristo desfigurado, a quem devemos servir.

Disse Vicente de Paulo: “A nossa atitude para com os pobres não se deve regular pela sua aparência externa, nem



sequer pelas suas qualidades interiores. Devemos considerá-los, antes de tudo, à luz da fé. O Filho de Deus quis ser pobre

e ser representado pelos pobres. Na sua paixão, quase perdeu o aspecto de homem; apareceu como um louco para os gentios

e um escândalo para os judeus. Todavia, apresentou-se a estes como evangelizador dos pobres: Enviou-me para evangelizar os pobres. Também nós devemos ter os mesmos sentimentos de Cristo e imitar o que Ele fez: cuidar dos pobres, consolá-los, socorrê-los e assisti-los”.

Portanto, trabalhar para os pobres é evangelizar e é uma clara demonstração que amamos nosso próximo, como o bom samaritano. Independente dos novos rumos de nosso país, cabe a cada um fazer sua parte, a exemplo de São Vicente de Paulo, que dedicou toda sua vida aos mais necessitados.

Roberto Viola é pedagogo e participa da Conferência Vicentina Santa Margarida Maria Alacoque, em Santa Teresinha

Caminhar junto com a Igreja

por Ana Filomena Garcia

Sínodo significa caminhar junto: um caminhar junto de toda nossa Igreja, o clero e todo povo de Deus.

Recentemente foi lançado um documento no qual a Igreja indica como deve ser organizado um sínodo. Chama-se Episcopalis Communio – Sobre o Sínodo dos Bispos. Seu parágrafo sete diz: “A história da Igreja testemunha amplamente a importância do processo consultivo, para se conhecer o parecer dos Pastores e dos fiéis no que diz respeito ao bem da Igreja. Assim, é de grande importância que, mesmo na preparação das Assembleias sinodais, receba especial atenção a consulta de todas as Igrejas particulares.”

Está em curso, na arquidiocese de São Paulo, o Sínodo Arquidiocesano, tendo como tema Deus Habita Esta Cidade: Somos Suas Testemunhas. Neste primeiro ano, tivemos a fase paroquial, na qual os fiéis respondem uma série de questões sobre sua paróquia e como são realizados os trabalhos, ou como vivenciam o chamado de serem discípulos missionários de Jesus Cristo. Foram realizadas reuniões de junho a outubro, com convocação aberta a todos.

Nossa Igreja tem dois mil anos e já passou por fases duras de perseguições, de interesses políticos e pessoais, mas também de santidade e de coragem. Resistiu fortemente nestes dois mil anos graças ao poder do Espírito Santo que une seu povo santo e também pecador. A Igreja existe pela ação do Espírito Santo e pela união de seu povo.

O caminho sinodal é este: caminhar junto, estar unido e movido pelo Espírito Santo. Caminhar junto é saber que, com jeitos diferentes, a Igreja fundada por Jesus Cristo cresce, se atualiza e constrói.

Felizmente alguns paroquianos atenderam ao chamado da Igreja e se fizeram presentes, entendendo a importância deste momento. Pode ser que a igreja não esteja caminhando como muitos pensam, ou que a olhamos apenas com o olhar daquilo que experimentamos. Mas quando mais pessoas se reúnem e juntas refletem o movimento que a paróquia faz, mais facilmente podemos opinar, criticar e compreender os passos dados e assim colaborar na proposta de um caminhar junto da arquidiocese.

Por amor a Jesus Cristo, e com forte desejo de uma igreja viva, atuante e presente, ressoa a esperança de uma Igreja atuante e atual. Assim agradecemos esta ação de amor aos que participaram da etapa paroquial: Marcus V. Cerri, Maria Edgair N. Cerri, Mara Rescigno, Luzia Girard, Eduardo Sanchez, Paulo A. Radunz, Marcia Radunz, Sandra M. C. de A. Cruz, Oswaldo De A. Cruz Jr, Maria Aparecida Pasquale, Ricardo de Oliveira, Ricardo Palandi, Angela M. Coelho, Elaine C. Teixeira Cancian, Leticia Teixeira, Regina C. M. Silva, Ivoneide de Jesus de Sousa, Lucia H. Chain, José Augusto Simões Dias, Maria Tereza M. Dias, Rosane Perantunes, Ana Maria Pelegrini, Maria Aparecida Capello, Carlos Roberto Minnozi, Wellington Pina, Domingos Savio, Maria de Lurdes Beco, Marcia Sanchez, Walter Sanchez, Anacleto, Maria Luiza Massari, Marcia Moutinho, Roberto Moutinho, Sandra Leite, Luiz Carlos Leite, Luiz Fernando Garcia, Ana Filomena S. F. Garcia, Maria Inês Elias, Jorge Fernandes, Pedro Monteiro, Nadir Pinto, Sergio Pinto, Alberto Sousa, Lizandra SOBRENOME. Sendo representantes paroquiais no Sínodo Arquidiocesano Reginaldo Guilhauducci e Eliana Minozzi.



Fiéis da comunidade participando das reuniões do Sínodo na paróquia



Por amor a Jesus Cristo, e com forte desejo de uma igreja viva, atuante e presente, ressoa a esperança de uma Igreja atuante e atual

Da praia pra Sampa!

por Rosângela Melatto

Sabe aquela prima-irmã? Aquela que viaja junto, que vem fazer companhia quando ficamos doentes, liga nos momentos nos quais mais precisamos? Assim é a **Eliana**, prima da **Lélia**, nossa paraguiana que está fazendo a Oficina de Oração com a gente.



A prima mora no Guarujá e ela em São Paulo, mas a distância não faz nenhuma diferença. A receita da Eliana é sempre feita no Natal. É o prato que ela leva para a ceia e todos amam, mas parece que ninguém diz que ao fazer a receita fica igual à dela. Acho que o ingrediente especial é o carinho, afinal, o que se pode esperar de alguém tão dedicada?

Quando pedi a receita para a Lélia, ela veio de bate-pronto, porque uma amiga dela já tinha pedido de tão comentada que é. Eu não resisti, fiz no mesmo dia. Fica muito gostosa, mas não sei se ficou igual à da prima da Lélia. Vou ter que provar quando ela estiver em São Paulo. Quem sabe em um dos nossos cafés da “Tarde do Riso”, o dia que a gente se junta com um único objetivo: partilhar o que nos faz feliz.

Obrigada, Lélia, pela partilha.

Rosângela Melatto é chef de cozinha e Coordenadora da Pastoral da Perseverança, além de MESAC

CASSATA

Ingredientes

2 latas de leite condensado
2 latas de leite integral
4 gemas coadas
Levar ao fogo para engrossar (não fica muito grosso, só cremoso)
Forrar um pirex e deixar esfriar. Reserve.
Ferver ½ l de leite, e colocar 5 colheres de achocolatado (ela usa Nescau)

Modo de preparo

Com um pegador molhe um pacote de bolacha champanhe nesta mistura, bem rápido, para não ensopar. Coloque as bolachas sobre o creme reservado. O restante da mistura de leite com achocolatado pode ser colocado sobre as bolachas ao final do processo.
Bater 4 claras em neve bem firme, com oito



colheres de açúcar bem cheia. Quando chegar no ponto de suspiro, juntar uma lata de creme de leite, sem soro. Colocar este creme sobre a bolacha e levar ao freezer. A receita deve ser feita um dia antes de ser consumida. Tirar do freezer uns 15 minutos antes de servir.

CANTA E CAMINHA

Fazei-me instrumento da Sua paz

por Vera Avedisian

São Francisco de Assis, um dos grandes santos da Cristandade, reconhecido como patrono dos animais e do meio-ambiente, fundador da Ordem dos Franciscanos, de posição positiva da natureza e do homem, possui uma das canções religiosas mais executadas no Catolicismo. Baseada na verdadeira paixão e pura crença no Evangelho, a oração de São Francisco de Assis teve sua melodia original na composição do Padre Irala SJ, de origem paraguaia.

“ Vim ao Brasil, em 1966, para terminar minha formação como jesuíta, em São Leopoldo (RS). Antes de me ordenar sacerdote, eu já incursionava pelo Rio Grande do Sul e a cidade de São Paulo, cantando e pregando a mensagem do Reino. Um grupo de irmãs franciscanas de São Leopoldo me pediu para acompanhá-las ao violão cantando uma canção na TV Piratini. Era a

oração de São Francisco.”

Encantado por São Francisco e sua mensagem, Pe. Irala criou a melodia com guitarras.

“A gravação tinha muitas características para ser dos jovens. A meu pedido não teve violinos e sim guitarras, feitas pelos Carbonos, que neste tempo acompanhavam Roberto Carlos.

O que para mim é mais importante, é que o sucesso desta canção me fez concluir que os caminhos do Brasil, pela vontade e desejo de uma imensa maioria, seriam os caminhos da paz. Era também o que eu pregava em meus shows-palestras. Tenho muitas outras canções, mas o que mais procurei sempre é estar com outros jovens nos Encontros do OPA: (Oração pela Arte), em que muitos jovens me acompanharam para encontrar os caminhos da oração, através de sua arte, ajudando outros a orar

com esta sua arte. Todas as artes. Estamos a mais de 40 anos andando neste caminho.

Uma das pessoas a quem ajudei a encontrar sua profunda veia musical foi um Padre que escrevia versos muito lindos, mas não sabia fazer música: Nome? Pe Zézinho.

Estou preocupado com o Brasil nestas eleições, e a todos peço que não somente rezem e cantem esta oração, mas que a coloquem na vida de todas as pessoas, para encontrar soluções a nossos problemas, mas sempre pelo caminho do diálogo, da construção e da paz.

São Francisco nos abençoe e nos faça vitoriosos nas inovações, com respeito, e solidariedade, e sempre, sempre em paz. Senhor, fazei-nos instrumentos de paz.”

Vera Avedisian é jornalista e voluntária em projetos educacionais e socioambientais

ENTREVISTA

A letra me agradou muito, mas a melodia não. Queria compor uma melodia para jovens, pois estava compondo uma missa jovem franciscana.

Em 1966?

Pe. Irala Pascom S. Francisco: Em janeiro de 1968 passei um mês na localidade de Anchieta, no Espírito Santo, e compus a melodia, que as irmãs Paulinas aceitaram gravar. Em maio de 1968, gravei a canção com outras, para um compacto que levava meu nome: IRALA CANTA.

O Sr. é pioneiro nesta gravação?

Pe. Irala Pascom S. Francisco: Muito antes em 1962 estava no Paraguai e li um livro de Jacques Maritain com a vida de São Francisco, em que ele dizia que S. Francisco era o Homem do nosso tempo, e eu me encantei com o Santo e sua mensagem.

Só há desencanto onde há ideais

por Danielle Villas Boas e Jéssica Guimarães

Os jovens, como mostra a história brasileira, continuam lutando por seus ideais

O golpe militar de 1964 teve como oposição uma grande quantidade de jovens que estudavam, faziam arte, trabalhavam, e que lutaram por democracia. Muitos destes jovens integravam organizações representativas como DCEs (Diretórios Centrais Estudantis), UEEs (União Estadual dos Estudantes) e a UNE (União Nacional dos Estudantes), outros lutavam de forma individual, mas sempre em nome do coletivo.

Anos depois os jovens, novamente, mostraram sua insatisfação por meio do movimento dos caras-pintadas, na década de 90,

em que pediam o impeachment do então presidente Fernando Collor de Mello. Mais recentemente, no final de 2015, jovens secundaristas ocuparam escolas no estado de São Paulo contra a reorganização da rede escolar, que fechou escolas. Por fim, nestas eleições, diversos jovens participaram, e divulgaram pelas redes sociais, protestos em todo o país (e em algumas outras nações estrangeiras) contra determinado candidato.

Além de participar de protestos, muitos jovens também estão presentes na política como candidatos a cargos como Deputado Federal, Estadual e Senado.

Este cenário indica como os jovens foram, e continuam sendo, fundamentais para as mudanças no país, sendo a resis-

tência que a sociedade, muitas vezes, precisa. A forma de ver o mundo dos jovens, com certeza, não é a mesma que a dos mais velhos (que em seu tempo também sofreram com uma sociedade mais conservadora). Todavia, a vontade de construir uma sociedade verdadeiramente renovada é autêntica e tem embasamento.

O jovem, hoje com mais acesso à educação e informação que seus pais tiveram, carrega as mais diversas ideologias e críticas a partir de sua visão de mundo, ampliada pelo Ensino Superior e pelo contato com as mais variadas culturas. Isso faz com que o jovem tenha uma visão mais avançada e com propostas de mudanças estruturais, e não apenas superficiais, como os discursos que têm espaço e

credibilidade na sociedade.

Muitas vezes esta postura de mudança estrutural pode ser desacreditada, fazendo com que o jovem acabe sendo visto como inocente ou utópico. Todavia, é ele quem sai às ruas e muda, aos poucos, o senso comum.

Porém, a caminhada dos jovens não é apenas de ideais e luta. É justamente por ter ideais que esta geração se desaponta com os rumos que a política, e consequentemente a sociedade, tomam. Foi também com decepção que os jovens de 64 lutaram contra medidas autoritárias impostas por uma sociedade mais retrógrada. E não está sendo diferente nos dias atuais.

De acordo com o Tribunal Superior Eleitoral (TSE), dos 6,5 milhões de jovens, com 16 ou 17 anos, pouco mais de 1,4 milhão (ou 21,6%) tirou o título de eleitor neste ano, sendo a menor participação dos adolescentes nas eleições presidenciais, desde 2002.

Isso mostra que sim, os jovens estão sofrendo com desencanto, porém sofrem porque têm ideais e, por mais que se abstenham do processo eleitoral tradicional, continuam informados e buscando mudanças por meio de movimentos sociais e coletivos.

Diante do fato de que muitos jovens se afastam da política tradicional, cria-se a ideia de que eles abriram mão de lutar pelo seu futuro, o que não é verdade. Estes jovens continuam em atividade, porém olham com criticidade a situação atual, e propõe caminhos alternativos de união e aceitação com o diferente. Desta forma, é possível pensar que o problema não é do jovem desencantado, mas sim da política que desaponta a todos com seu formato desigual, injusto e ultrapassado.

Danielle Villas Boas e Jéssica Guimarães são jornalistas e membros do grupo de jovens EntreTantos

O jovem, hoje com mais acesso à educação e informação que seus pais, carrega as mais diversas ideologias e críticas a partir de sua visão de mundo

POR QUE ME DEIXO ENGANAR?

A falta de habilidade para analisar se algo é verdade ou ficção na internet torna-se ainda mais preocupante, segundo especialistas e estudiosos do ramo, quanto ao futuro da democracia. Políticos e tecnólogos já alertaram sobre pessoas que tentam interferir no processo eleitoral com o intuito espalhar desinformação para manipular as eleições, não só aqui no Brasil como em diversos países no mundo.

Contudo, existe outra parte responsável - nós, muitas vezes, leitores suscetíveis. A maneira como muitos consomem informações online, é como se estivessem dirigindo veículos porém sem possuir carteira de habilitação.

Quanto mais compreendemos a ma-

neira que pensamos dentro do mundo digital, maiores são as chances de fazermos parte da solução. Não caímos em “fake news” porque somos bobos. Geralmente o problema é que nos deixamos levar por impulsos negativos. Gostamos de pensar que somos racionais, mas na maior parte do tempo somos guiados pelas emoções e até por pensamentos irracionais. Somado a isso, convicções políticas deixam nossa percepção preguiçosa, sem contar o nosso desejo inato por soluções rápidas.

Da próxima vez que estiver navegando pelas redes sociais, e antes de repassar algo pelo whatsapp, por exemplo, leve essas questões em consideração e não se atenha apenas a títulos ou manchetes.



O direito de divergir

por Aloísio Oliveira



Examinemos a seguinte expressão: “Um ponto de vista é apenas a vista a partir de um ponto”.

Mais do que um jogo de palavras, esta frase nos dá a dimensão de que nossas opiniões, certezas e convicções, enfim, nossa visão de mundo é o resultado de nossa vivência, experiência e de nossa forma de nos relacionarmos com os outros e com a realidade que nos cerca, ou seja, de nosso posicionamento social.

De certa forma, esta expressão valida uma frase do filósofo espanhol Ortega y Gasset, que sintetizou: “Eu sou eu e minhas circunstâncias, se não a salvo, não me salvo eu”.

Podemos entender que, segundo o filósofo, em um primeiro momento devemos reconhecer sermos o produto de um conjunto de fatores, que se iniciam com a família, suas tradições e experiências, bem como

de nossas vivências particulares, com tudo que nos cerca.

Em um segundo momento, devemos buscar expressar e defender nossas convicções, opiniões e esperanças sob pena de sucumbirmos, negando a nós mesmos e nossa existência como seres humanos.

Neste sentido, defender nossas convicções é um exercício de sobrevivência, de reafirmação de nossa condição humana frente à realidade. Expressar nossas demandas nos torna verdadeiramente humanos, na medida em que possibilita testemunhar nossa história, e transcender nossa existência no futuro.

Diante disso, divergir e ex-

pressar opinião diferente, mais do que uma condição pessoal, é uma condição de desenvolvimento da sociedade humana. Divergir é, portanto, o que gera o crescimento humano.

Pensemos na Revolução Francesa. Os Ideais de Liberdade, Igualdade e Fraternidade (Liberté, Egalité, Fraternité), hoje tão festejados como objetivos a serem alcançados, em um primeiro momento representaram uma grande divergência em relação ao pensamento absolutista vigente à época.

Se examinarmos a história da humanidade, os únicos momentos em que as divergências não ocorreram, foram em períodos totalitários, em que a

força prevalecia. Nestes períodos, normalmente, o desenvolvimento social é limitado a um grupo específico e não à coletividade.

Desta forma, ter uma opinião diferente e expressa-la faz parte da condição humana de ser reconhecido como partícipe da sociedade.

Neste período de turbulência em que vive o Brasil, vemos crescer a intolerância. Diversos grupos de digladiam com ataques pessoais e até físicos a pessoas que defendem pensamentos e opiniões e diferentes.

O que se iniciou no ambiente virtual ganhou as ruas, e não é raro ouvirmos relatos de ataques físicos a pessoas de outra

corrente de pensamento.

Em um momento anterior vimos que a democracia é um valor que deve ser defendido. Porém, sua existência pressupõe a livre manifestação e a defesa dos interesses específicos de cada camada da população.

A divergência é, na verdade, o que move o desenvolvimento em uma sociedade democrática. A partir das divergências, se pode alcançar um novo grau de desenvolvimento humano com o atendimento às diversas demandas sociais.

Portanto, há a necessidade de desarmar os espíritos e os ânimos para que as divergências possam ser expressas de forma a garantir o bem comum.

Discuta, de forma democrática, este tema com amigos e familiares.

Vimos que a democracia é um valor que deve ser defendido. Porém, sua existência pressupõe a livre manifestação e a defesa dos interesses específicos de cada camada da população

Aloísio Oliveira é advogado e membro da Pastoral Familiar de Santa Teresinha



Bob nem se incomodou com a concorrência: bit.ly/sta142p15a



Crianças e adultos se divertiram a valer: bit.ly/sta142p15b

Anos
60... 70... 80...
 Convites à venda na Secretaria e nos plantões no final das missas.

10 de novembro
20h
 Convite individual:
R\$ 60

PARÓQUIA SANTA TERESINHA

Ordenação Presbiteral

“Viemos adorá-lo”
 Mt 2,2

Diác. Ronaldo Luís de Souza Pereira, sdb

09 de dezembro de 2018, às 9h30
 Paróquia Nossa Senhora Auxiliadora
 Rua Três Rios, 75 - Bom Retiro - São Paulo - SP

Primeira Missa
 09 de dezembro de 2018, às 18h30

Paróquia Santa Teresinha
 Praça Domingos Correia da Cruz, 140
 Santa Teresinha - São Paulo - SP
 CEP: 02405-060

Tríduo Preparatório

Celebrações Eucarísticas:
 06.12.18 - Bênção do Cálice - 19h30
 07.12.18 - Bênção das Vestes - 19h30
 08.12.18 - Bênção das Famílias - 16h

Paróquia Santa Teresinha
 Praça Domingos Correia da Cruz, 140
 Santa Teresinha - São Paulo - SP
 CEP: 02405-060

“Somos lançados a amar os outros de uma maneira profunda”

por Daya Lima

Foi nas eleições que o povo expressou as suas vontades de um jeito bem enfático. Tão enfático que muitos perderam o senso de respeito e atacaram os outros que tinham opiniões opostas. Um sentimento de rivalidade tomou conta. Agora é hora de retomar. Retomar a compostura nas redes sociais, retomar as amizades perdidas, se ainda é tempo, retomar a cidadania. Para falar sobre este momento, fanatismo e idolatria, o Santa Teresinha em Ação foi conversar com o teólogo, professor de filosofia da PUC-SP, Paulo Raphael de Oliveira Andrade.

Santa Teresinha em Ação – Professor, como você assistiu as redes sociais nestes últimos meses?

Paulo Raphael – Com certa surpresa, mas nem tanto. As redes sociais dão este poder às pessoas. Nela, elas se sentem mais fortes e livres, como se estivessem em uma tribuna, prontas para falar o que pensam. É nas redes sociais que fomentamos nossos públicos, que nos “atribuamos”. Precisamos disto.

STA – E como se dá este fenômeno, professor, é quase que uma regra ser atuante nas redes?

Paulo Raphael – Só para quem deseja criar públicos. Veja, as redes sociais têm seu lado bom, conecta as pessoas, há interação, podem se expressar. Porém, ela também instiga o “estar”, mais do que o “ser”. O “eu” ganha muita força. Veja o fenôme-

no das “selfs”. As pessoas sempre foram centradas em si, mas agora, com as redes, há uma exacerbção. O “eu” no centro de tudo. Então falam para angariar públicos, fazer parte de alguma tribo, “estar” presente em algum lugar. Se mostrar de alguma maneira.

STA – Mas você acredita que isto não seja benéfico, ou seja, as pessoas não se sentem mais confiantes, seguras?

Paulo Raphael – Não. Pelo contrário. A auto-estima está tão baixa que precisa se mostrar mais. Aparecer mais. Quando mais “likes” angariar, melhor. As redes são quase que um espelho. Se eu aparento ali que estou bem, de fato ficarei bem, pelo menos no mundo virtual, e é nele, hoje, que as pessoas estão. Não interessa como estou de verdade, interessa como me veem.

STA – E em relação às eleições, as pessoas também queriam estar mais do que ser?

Paulo Raphael – De novo a história do “fazer parte de algo”. As pessoas ficaram muito exaltadas porque estavam se sentindo parte importante de um processo. E, por acreditar que o seu candidato era o salvador da pátria, dos dois lados, aumentava a convicção. Por trabalhar com algoritmo, cada vez mais a rede sabe do que as pessoas gostam e desejam. Sugere coisas e pessoas que se afinizam. Com isso, a bolha cresce, a certeza das pessoas também. O brasileiro trabalha muito na emoção

e, muitas vezes, a razão fica de lado. Surge aí o fanatismo.

STA – E o fanatismo faz com que as pessoas percam o respeito umas com as outras?

Paulo Raphael – Basicamente. O fanático não trabalha com a razão, só com a emoção. Ele acredita que só o seu ponto de vista está correto. Só o que acredita é o certo. Perde o filtro, entende? O outro vira opositor, já que não acredita no que ele tem convicção, certeza. O senso de cidadania também já não existe mais. O respeito vem da razão, não da emoção. Para quem deixou a razão de lado, não há respeito algum. Prova disso foi a selva que virou as redes nos últimos tempos.

STA – Você acredita que este fanatismo é algo cultural, coisa do brasileiro mesmo?

Paulo Raphael – Muito! O brasileiro tem uma tendência perigosa a ser fanático. O povo brasileiro é afetuoso, trabalha muito com a emoção e muitas vezes deixa a razão de lado. Não é de hoje que “precisamos” de um messias para nos salvar. O presidente Lula foi eleito assim, como um “messias”. Agora o candidato eleito também veio com as mesmas características. É cultural. Criamos os mitos, precisamos deles. E isso é um perigo.

STA – Agora, passado as eleições, você acha que o tom vai baixar. A civilidade vai voltar, pelo menos nas redes?



O fanático não trabalha com a razão, só com a emoção. Ele acredita que só o seu ponto de vista está correto. Só o que acredita é o certo

Paulo Raphael – Não acredito não, infelizmente. A polarização está mais forte do que nunca. Os lados estão bem formados. Quem votou em determinada pessoa ainda continua errado para alguém, ou seja, a selva continua.

STA – E neste clima todo, onde fica o papel do cristão que, antes de ser cristão, também é uma pessoa e tem sentimentos tais como qualquer outro?

Paulo Raphael – É preciso ligar em tudo com amor. É claro que todos precisam se expressar, se colocar, mas temos critérios, valores. Podemos falar sim, devemos, mas precisamos saber como. O amor e o respeito, a fé

e a razão são os grandes balizadores. E sempre serão, em qualquer situação.

STA – Deixe uma mensagem para os paroquianos de Santa Teresinha.

Paulo Raphael – As pessoas se esquecem que Deus é amor, é bondade. Nós não podemos nos esquecer disso. Nós atraímos pessoas por causa disso. Temos sim de nos expressar, falar com o outro, mas podemos fazer de uma forma positiva. Exaltar o lado positivo do outro. Este é nosso dever. Somos lançados a amar os outros de uma maneira profunda. Que todos nós saibamos amar a Deus com o nosso comportamento. Que sejamos coerentes, sempre.

Temos sim de nos expressar, falar com o outro, mas podemos fazer de uma forma positiva. Exaltar o lado positivo do outro. Este é nosso dever